

PROGRAMA UNIVERSIDADE LIVRE E COLABORATIVA: Processos Colaborativos de Construção do Conhecimento e Aprendizagem em Ação (2003-2012; 2012-2015)

Euler Sandeville Jr., fev 2018

O Programa valoriza a capacidade interpretativa dos processos urbanos e ambientais relacionando escalas regionais e locais, acompanhando políticas públicas, realizando estudos de percepção e de memória da paisagem com moradores, estudos de conectividade ambiental urbana, estudos colaborativos de potencialidades de paisagem. Trata-se de uma pesquisa exploratória que se entrelaça com outras pesquisas docentes, suas atividades didáticas e de orientação, constituindo uma base empírica de aplicação e diálogo.

Esses estudos e os processos colaborativos acima indicados estão presentes em em medidas diferentes em praticamente todos os trabalhos do NEP na linha “Processos Colaborativos e Ações Educativas”. Aliás, isso define essa linha, e a Universidade Livre era pensada como a consumação de possibilidades coletivas entre o NEP e seus parceiros. Nesse sentido, o Programa não se dissocia das demais atividade e práticas do Núcleo, era uma proposta central da constituição do NEP, desde os primeiros trabalhos em Salto da Divisa (MG), Juqueri e Brasilândia.

Desse modo, o Programa foi sendo construído tentativamente juntamente com o Núcleo de Estudos da Paisagem, uma vez que muitas dessas características estão presentes no conjunto de nossas atividades de orientação e desenvolvimento de pesquisas e de formação pública. Na verdade, o NEP foi pensado como uma Universidade Livre e Colaborativa, querendo com isso dizer uma USP aberta à participação em construção no diálogo com a sociedade, com as comunidades, de modo que na maior parte das vezes a linha de História da Cultura e da Paisagem não foi *completamente* incorporada ao NEP senão a partir de 2015. Por outro lado, cada ação que ultrapassou o âmbito dialógico das pesquisas para uma ação participante de construção de conhecimentos e solução de problemas, foi um ensaio dessa ideia ou de algum de seus aspectos.

O que caracterizou o projeto tentativo e experimental do NEP foi o esforço de ultrapassar a segmentação Ensino, Pesquisa e Extensão, que está em sua origem. A própria noção de Extensão como transmissão de saberes da Universidade para parceiros e interessados externos a ela não faz sentido nesse caso e a própria separação em ensino, Pesquisa e Extensão, que tem sua razão administrativa, perde sua capacidade explanativa, convidando um outro conceito, que para nós foi o de Universidade Livre. O que se entende é que todas estas, a pesquisa, o ensino e o diálogo com comunidades, são um processo integrado e único de produção de conhecimento, de aprendizagem, de formação, respeitando e confrontando colaborativamente saberes diversos.

Contudo, o que em outras atividades do NEP poderia ou não ocorrer, na concepção do programa esperava-se contribuir na construção de processos autogestionados e independentes na transformação do ambiente, que permanecessem fundados em uma perspectiva coletiva que deve ser inerente à paisagem, e não propriamente à dos coletivos envolvidos na medida em que ganham o chamado “empoderamento”.

A estratégia envolvia sobretudo a ação no âmbito cultural, do aprendizado (educação) livre, e da pesquisa participante, na integração entre pesquisa e programa, na formação de pesquisadores locais, na integração entre disciplinas de graduação, de pós-graduação e participação da comunidade em um processo coletivo e integrado de concepção, gestão e desenvolvimento.

Foram as experimentações iniciais de maior expressão em torno da interpretação, valorização e conservação da Pedra Grande em Atibaia, contribuindo para a criação do Monumento natural, a pesquisa de Cecilia Angileli na Brasilândia (inclusive com a criação de um coletivo integrado, a Esquina da Memória e de um Núcleo avançado do NEP na região), no Heliópolis (com a pesquisadora Claudia Cruz).

Esses trabalhos se desdobraram em ações pontuais de natureza social e cultural e de pesquisa construída dialogicamente, envolvendo pesquisas de graduação e pós-graduação e disciplinas de graduação e pós-graduação organizadas integralmente junto com as comunidades, abertas à sua participação e geridas conjuntamente, desenvolvendo formas cooperativas de construção de conhecimentos e ações culturais, conforme o caso.

A integração de disciplinas docentes, e daí alunos e comunidades, ocorria desde o início do NEP, bem como a integração das pesquisas com comunidades. Mas foram nestas experiências que se começou a integrar não só a relação das disciplinas do docente com certas comunidades, ainda que construídas coletivamente, como até então ocorria no NEP, mas os pesquisadores e suas pesquisas em curso e as comunidades com as disciplinas, focando e acontecendo em suas áreas.

Contribuíram também, e muito, atividades que eu realizava com o CORO (Rede de Coletivos) com o qual a Espiral se relacionava e com o coletivo aberto EIA (Experiência Imersiva Ambiental) com o qual me relacionava intensamente, entre outros coletivos e redes de discussão alternativa, de mídia e software livre e independente. Particularmente importante foi a experiência coletiva do EIA 2008, um jogo urbano jogado com anfitriões e derivas no Grajaú, Querosene, Itapecerica da Serra, Sé, Edu Chaves, Parque da Aclimação.

A partir desses processos e da integração disciplinas e oficinas sempre envolvendo pesquisadores, alunos de graduação e pós e moradores, sem qualquer distinção em função das hierarquias sociais dos saberes, mas desenvolvendo formas dialógicas e solidárias de trocas e construção de conhecimento. Foram organizadas e geridas integralmente junto com lideranças das comunidades envolvidas, e os coletivos formados por alunos e moradores estabeleciam um novo nível de decisão e construção, sempre acordando-se alguns princípios fundantes. Outras ações mais pontuais tiveram outras características, como em comunidades como Vila Nova Esperança, Pantanal, Ocupação Mauá, Cicas e outras.

Entre os alvos específicos que deveriam caracterizar a ideia da Universidade Livre e Colaborativa estavam a criação de núcleos avançados do NEP com esses parceiros, intentada no parque do Juqueri no início do NEP, em Atibaia e na Brasilândia. Outro alvo era a formação de pesquisadores populares, criando um trânsito e uma espiral de conhecimento e sensibilidade não só na produção de conhecimento, mas da experiência do espaço do bairro e da universidade. Inclusive acolhendo moradores em processos de formação de pesquisadores, inclusive de pós-graduação. Basicamente, o NEP foi concebido como uma ideia de universidade livre, experimental, colaborativa, sem prejuízo de outras formas.

O Programa, de fato, só deixou de ser uma proposta e experimentações entre 2012 e 2014 (com desdobramentos dessa parceria ainda em 2015), quando foi possível chegar a uma quase plena expressão da ideia com os parceiros da região de Perus, momento em que absorveu praticamente todos os esforços do NEP. Na verdade, o Programa ganhou autonomia, passando a se identificar plenamente com essas atividades realizadas como um único coletivo formado pelo NEP e pelos parceiros de Perus. De modo que a expressão Universidade Livre e Colaborativa passa a remeter legitimamente a essa experiência.

Envolveu diversos pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação, concebido juntamente com moradores e movimentos de cultura (Coletivo Quilombaque) e educação (Projeto Coruja) de Perus, lideranças da Aldeia Guarani no Jaraguá, esforços comuns para a preservação da Fábrica de Cimento Perus, questões ambientais, valorização e homologação das Terras Guaranis no Jaraguá, projetos educativos. Foi fundamental para a criação do Território de Interesse da Cultura e da Paisagem no Plano Diretor de 2014.